

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Moto
contínuo

Em tempos de viagem rodoviárias, tinha o hábito de, no fim da tarde, me deslocar para a cidade que visitaria no dia seguinte. À tardinha, a temperatura ficava mais amena e, dessa forma, menos cansativa. Outra questão é que já amanhecendo no local seguinte o dia fluía melhor sem a correria de ter de acordar na madrugada, o que nunca foi um problema para mim, e viajar com os primeiros raios do Astro-Rei, o que, convenhamos, mesmo com ar-condicionado no carro, não é nada confortável.

Nos bailes da vida ou num bar. O mais interessante disso tudo e, talvez, o principal motivo desses deslocamentos vespertinos estava em jantar nas churrascarias, pensões, cabarés, postos de gasolina, bares, restaurantes e tudo mais que servisse comida de primeira, fosse seguro, e, de quebra, tivesse um órgão elétrico tonitruante, com seu maestro, enfurecido, se sentindo o próprio Rick Wakeman. Naturalmente em solo ou acompanhado de uma cantora ou de uma dupla.

Aprendi por observação e dicas colhidas ao longo do tempo, que os melhores locais para se comer na estrada são aqueles onde há muitos caminhões estacionados e, por conseguinte – o Aurélio que me desculpe, mas a palavra mais bonita da “Flor de Lácio” não é libélula; é conseguinte -, gente com fome procurando comida boa, preços justos e se possível, boa diversão.

Estávamos atravessando os anos 1980. Sinhozinho Malta e a Viúva Porcina, quando Regina Duarte era somente atriz e fazia rir o Brasil, eram protagonistas, ímpares, de uma Asa Branca, microcosmo antagônico do país não muito diferente do atual. Regina ali, já era prenúncio da Regina atual. Roque Santeiro parava terras tupiniquins depois do JN, naqueles quarenta minutos não se ouvia pio em lugar nenhum. Descobri que caminhoneiros, mascates e vendedores-viajantes eram noveleiros e dos bons. Discutiam personagens, imitavam gestual, compunham falas, num laboratório realizado em meio a espetos-corridos (rodízio) e pratos-feitos. Se houvesse música ao vivo era o momento do intervalo. As caixas de som passavam transmitir, não mais os vaneirões, forrós, sertanejo e, na maioria das vezes, MPB para estrepituar a estrondosa gargalhada da viúva e o guizado-cascavel, emitidos pelo atrito entre o relógio e as pulseiras de Malta.

No começo me punha como observador, depois passei a interagir de forma sociológica e por fim já fazia parte do time, trocando informações, cantando junto, fazendo terceira voz, comemorando aniversários. Os locais passaram a ser os mesmos, os encontros e desencontros também. Conheci muita gente boa pondo o pé na profissão, muita gente vinda de um caminhar muito além do mar. Muitas histórias de vitórias e derrotas. Histórias de uma vida inteira, de existências e sofrimento, histórias de recomeços e começos. Algumas delas muito marcantes e de superação, outras nem tanto, infelizmente.

Foram tantos os personagens que não cabem em uma só crônica. Com a roupa encharcada e a alma repleta de chão, seguírei amanhã esses caminhos de encontros e despedidas. Mandarei notícias.

